



**JOGOS COOPERATIVOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR,
POSSIBILIDADES PARA UMA EDUCAÇÃO QUE RESPEITA AS DIVERSIDADES
HUMANAS.**

Autor

Resumo: *Intolerância, xenofobias, homofobias, racismo... Tudo fruto da dificuldade humana de respeitar e aceitar as diferenças. Os Jogos cooperativos apontam um caminho por meio da educação física escolar para a redução da violência e aumento das potencialidades humanas tais como, respeito ao próximo e desenvolvimento da autonomia. Os relatos de violência gratuita, levam a crer que a sociedade está perdendo a referência de educação e respeito ao próximo. Está na hora de rever os paradigmas da educação. Os Jogos Cooperativos reforçam valores como respeito ao próximo, trabalho em equipe e coexistência. Razão para indicá-los como metodologia na Educação Física.*

Palavras-chave: jogos cooperativos, metodologias de ensino, diversidade humana.

Atos de intolerância, xenofobias, homofobias, racismo, incompreensão à pluralidade religiosa, são frutos da dificuldade do ser humano de respeitar e aceitar as diferenças. Os Jogos cooperativos apontam um caminho por meio da educação física escolar para a redução da violência e aumento das potencialidades humanas tais como, o convívio com as diversidades, respeito ao próximo e desenvolvimento da autonomia.

Os relatos de violência gratuita, tais como atear fogo em moradores de rua ou o pai de classe média alta que mata a própria filha, levam a crer que a sociedade está perdendo a referência de educação e respeito ao próximo. Está na hora de rever os paradigmas da educação. Para tal é preciso compreender a nossa formação biologicista e cartesiana que vão determinar os nossos parâmetros de normalidade.

A Ciência médica, ao longo da história, vem se esforçando para compreender o homem em seus aspectos biológicos e psíquicos. Segundo Gonçalves (1994), esse estudo positivista geométrico analítico, onde só o que é mensurável tem valor científico e por isso deve ser reconhecido como verdade, torna inviável o reconhecimento dos fenômenos qualitativos ou relativos à sensibilidade. É partindo desta lógica que a sociedade começa a estabelecer os conceitos de normalidade, colocando todo o indivíduo dentro de um padrão ditador biologicista. Dessa forma, tudo que foge ao padrão cartesiano da ciência médica é anormal. Isso se deve ao processo histórico de construção do modelo de educação escolar



pós revolução industrial. Para Gondra (2007), a ciência médica começa a elaborar a formatação da educação escolar no Brasil ao longo do séc. XIX, coincidindo com a legitimação e consolidação da própria medicina, que passa a tratar não somente a vida e a patologia de cada indivíduo, mas também a vida social. (*apud Lopes et all*)

Estando sobre a égide da necessidade de controle da saúde pública e da higiene e na responsabilidade de solucionar os problemas causados pelo inchamento das metrópoles, cabia à medicina “neutralizar todo o perigo possível; nasce a periculosidade e com ela a prevenção”(Gondra *apud Lopes et all*,2007.p.521). Desta forma a medicina começa a determinar os padrões de urbanização e arquitetura das edificações urbanas públicas e privadas.

Na educação o modelo cartesiano positivista se instala determinando a disciplina e a ordem. A educação deixa de ser responsabilidade apenas da família ou da religião e passa a ser responsabilidade da escola. Este modelo separa razão de emoção. Os impulsos naturais e sensíveis são castrados e somente há espaço para o pensamento racional e ordenado dentro do padrão biomédico. O Corpo escolar também vai atender ao modelo higienista, padronizando o tempo e o espaço para atividades físicas importando para o Brasil os modelos europeus das ginásticas “*amorosianas e calistênicas*” (Soares, 1994), com objetivos de “aperfeiçoamento moral e cultivo da razão e da inteligência constituindo um indivíduo forte, robusto puro e sábio”(Soares, 1994, p.535)

Segundo Gondra¹ Outro ponto é a influência da medicina no direito, que por um lado tira do indivíduo o poder sobre o próprio corpo passando-o para o médico, que é o único que tem conhecimento para determinar o que corpo pode e deve fazer. Por outro lado legitima a medicina como única promotora legal da cura, tornando ilegais todas as demais práticas como os pajés indígenas, curandeiros, a homeopatia e as chamadas medicinas orientais.

Pelo olhar da ciência médica, de onde vem o nosso conceito de normalidade, começamos a entender sua influência sobre a educação. A medicina é a Medusa da sociedade moderna, seus olhos solidificam, padronizam o modo de agir e pensar das ciências e, por consequência, da sociedade.

Com o avanço das tecnologias, pós-revolução industrial, o Homem deixa de temer a natureza e passa a tentar dominá-la. Este avanço vai gradativamente afastando-o do convívio com o natural e com o próprio homem. O corpo contemporâneo tem tendência ao isolamento. Ao mesmo tempo, as redes virtuais vêm restringindo os momentos e locais das relações sociais. Esse processo tem levado o homem ao que Martins (2008) vai denominar de coisificação do homem, ou seja, a falta de relação social afasta o homem dele próprio e dessa forma ele não mais identifica o outro como um igual. O processo de modernização e globalização traz a reboque desemprego, subemprego, insegurança, angústias e incertezas, resultados da promessa capitalista de sucesso infinito e consumo desenfreado. A base dessa

¹ Apud Lopes et all, 2007.



crise está na relação entre a disponibilidade dos bens de consumo e a falta de ferramentas necessárias para a aquisição dos mesmos bens. Em outras palavras o neoliberalismo nos mostra um mundo real absolutamente fora de alcance. Na tentativa de atingir o sonho de consumo neoliberal, o ser humano deixa de lado as relações com o natural, passa assumir as posturas calculadas das relações sociais buscando a mediação social. Esse processo nos leva para uma gradativa aculturação. O abandono das nossas tradições em nome da suposta modernidade nos afasta do que nos seria próprio.

A tecnologia e a modernidade modificaram a comunicação e as relações interpessoais onde a sedução se tornou quesito básico em todos os aspectos. No mundo das redes sociais são mais importantes as relações e os contatos do que a competência. É necessário ser aceito socialmente, isto vai tornar o “homem objeto e sujeito de si mesmo, o sujeito posto como estranho de si próprio” (Martins, 2008, p.18) Os avanços do mundo virtual estão encaminhando a humanidade para o isolamento.

Nas aulas educação Física existe a possibilidade de reverter o quadro que se monta, durante as atividades os alunos tem a oportunidade aumentar o contato com os colegas, de se unir e agir coletivamente, de melhorar as relações interpessoais, mas tudo depende do objetivo do educador. Todo professor deve saber o que realmente deseja ensinar. O Esporte e/ou o Jogo devem ser apenas ferramentas de um plano maior. “É preciso que cada educador tenha bem claro: qual o projeto de sociedade e de homem que persegue” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.26). Por este motivo ao elaborar uma aula o professor deve ter claro quais valores estarão incutidos nas suas atividades, quais atitudes devem ser parabenizadas e ressaltadas e quais devem ser recriminadas e extirpadas do grupo. Assim estaremos cumprindo o nosso papel como educadores.

Ornstein Citado por Robbins (1995) afirma que a séculos, em especial desde o iluminismo, utilizamos a metade do cérebro que valoriza o pensamento lógico a tal ponto que o hemisfério direito chegou a ser considerado insignificante, inexistente, estranho. A questão principal é que um adulto utiliza somente um quarto da capacidade de trabalho criativo. Isso devido à grande importância que damos aos modos verbais e lineares. O nosso sistema educacional enfatiza o desenvolvimento do hemisfério esquerdo, o que para esses autores traz um resultado frustrante no processo intelectual.

Os alunos estão recebendo uma educação só para metade do cérebro, o que prejudica o uso do cérebro inteiro, ou, no mínimo, prejudica o funcionamento de ambos os hemisférios, pois os dois são interdependentes e o desuso ou uso incorreto de um dos hemisférios exerce um impacto nocivo sobre o outro. (Masters, Robert *apud* Robbins, 1995, p.42.).

A capacidade de criar, de transformar objetos, de abstrair, de ressignificar são qualificantes da condição humana, não existe outro animal com tais capacidades. Logo a necessidade de se desenvolver a energia criativa construir problematizações para que os acadêmicos sejam capazes e encontrar soluções que não foram previamente apresentadas a eles, algo que seja fruto do desenvolvimento de suas capacidades criativas e do resultado de uma ação pensada de forma coletiva, é responsabilidade obrigatória do educador.



O que Buscamos com esse trabalho é uma metodologia de valorização do ser humano, de desenvolvimento de autônias e respeito ao próximo. Acreditamos que a cooperação possa ser uma ferramenta pedagógica, dentro do processo ensino aprendizagem, proporcionando objetivos comuns por meio de ações compartilhadas que tragam benefícios para todos.

Jogos cooperativos são dinâmicas de grupo que têm por objetivo, em primeiro lugar, despertar a consciência de cooperação, isto é, mostrar que a cooperação é uma alternativa possível e saudável no campo das relações sociais; em segundo lugar, promover efetivamente a cooperação entre as pessoas, na exata medida em que os jogos são, eles próprios, experiências cooperativas (BARRETO *apud* SOLER, 2006, p. 21).

Os jogos cooperativos têm como objetivo promover a ética cooperativa em busca da melhoria de vida para todos, sem exceções. Para Brotto(2001) A diferença é que nos jogos competitivos uns jogam contra os outros e nos cooperativos uns jogam com os outros, ou seja, neste último, o mais importante é com quem e como se joga.

Tanto para Soler (2006) quanto para Brotto (2001), os jogos cooperativos buscam a participação de todos com uma meta em comum, ele nos liberta da necessidade de competição e de eliminação. Se praticarmos a coletividade e o objetivo congruente, todas as atitudes destrutivas e desumanas são automaticamente reprovadas pelo grupo, nos libertando da agressão física e psicológica. Nos jogos cooperativos as regras são flexíveis. A contribuição de todos na elaboração das mesmas é fundamental. Desta forma estamos exercitando a capacidade de criar.

Se como educador, dentro de uma concepção holística, o professor tem responsabilidade no desenvolvimento físico-motor, educacional, psicossocial e criativo dos seus alunos, aumenta sua responsabilidade em decidir *entre jogar com ou jogar contra*². A importância dessa decisão vai fazer a diferença na formação desse indivíduo, podendo levá-lo a outro padrão de comportamento na sua vida pessoal e também na sociedade.

Segundo Erikson citado por Pereira(2005) o organismo humano é apto para a interação cada vez maior com “indivíduos e instituições significativas”(p.64). O caráter e a personalidade de um indivíduo são frutos da sua interação com o meio. O ser humano é constituído para promoção da interação com os seus e com o ambiente que o cerca. Na realidade essa questão vai muito além, não somos tão somente preparados para interagir, nós somos parte integrante estamos diretamente ligados, existe uma rede sistêmica que nos une.

Há um padrão comum de organização que pode ser identificado em todos os organismos vivos? Veremos que este é realmente o caso. (...) Sua propriedade mais importante é a de que é um padrão de rede onde quer que encontremos sistemas vivos – Organismos; partes de organismos ou comunidades de organismos – podemos observar que seus componentes estão arranjados à

² Brotto, 2001, p.35.



maneira de rede. Sempre que olhamos para vida. Olhamos para a rede.
(Capra,2006. P.77)

Ou seja, por mais diferentes que sejamos das outras espécies, existe uma rede sistêmica que nos une. Se a biodiversidade é reconhecidamente benéfica aos ecossistemas, se existe um padrão que nos une em rede, então por que insistimos em nos moldar e sacrificar tudo o que não é espelho? Precisamos compreender a idéia de que estamos todos ligados ao mesmo tempo de uma forma interdependente e autônoma e que o diferente ou o diverso é na realidade uma parte do meu Eu. Não importa o quanto o outro se difere do meu Eu, se é humano ou animal, se pertence a minha raça, meu clã ou estirpe. Todos pertencem a uma só teia³. Se o padrão do corpo humano tem uma rede que interliga todos os órgãos para que cada um deles possa funcionar de forma interdependente e ao mesmo tempo autônoma, por que é tão difícil perceber a existência de uma rede que extrapola o corpo, ligada à harmonia do natural?

“Eu jogo do jeito que vivo e vivo do jeito que jogo” (BROTTO, 2001, p.13) Se jogo e vida são reflexos um do outro, podemos perceber que o elemento jogo traz consigo uma gama de aspectos comportamentais em que mais de uma atividade corporal é colocada em campo. Sou eu de corpo inteiro jogando e, imprimindo naquele momento meu ser, minhas crenças, minha índole, meu caráter e minha ética (Brotto, 2001), desta forma cabe ao professor, antes, durante e após o jogo deixar claro a importância das interações e das atitudes de cada indivíduo no jogo e na vida.

O jogo no ambiente educacional não deve ser utilizado como mero passatempo sem finalidade ou como uma atividade que reforça a hegemonia de valores que já são dados como a competição e a valorização do forte e do belo. Ao invés disso, baseado em Brotto (2001), devemos utilizá-lo como ferramenta pedagógica, que valoriza o desenvolvimento do indivíduo como um todo, tanto nos aspectos físicos quanto nos psíquicos e sociais. Desta forma, através do jogo o professor trará a contribuição para a formação de um indivíduo mais autônomo e com reflexões acerca da realidade social que está inserido como os aspectos sociais, comportamentais e preocupado com o coletivo.

Os jogos cooperativos são uma ferramenta pedagógica da educação física então, ao compararmos as abordagens para o ensino da Educação Física quanto à competição e à cooperação encontraremos uma linha tradicional que valoriza a competição e a repetição dos gestos esportivos em prol do aprimoramento técnico, mas sem desenvolvimento de uma autonomia,. Por outro lado, há uma abordagem vanguardista, enfatizando a cooperação e a solidariedade, destacando a autonomia do aluno para que ele aprenda com regras segundo os interesses do coletivo que o cerca e os próprios interesses. (SOLER, 2006).

Para compreender melhor a importância dos jogos cooperativos no desenvolvimento humano. Erikson(1971) afirma que, a personalidade tem como variáveis

³ Referência ao livro a teia da vida. Capra, 2006.



a sociedade em confronto com aquilo que nós somos e que os outros pensam de nós. Assim sendo partimos para uma base pulsional. Ainda segundo Erikson (1971) é a interação entre o eu e o outro que constituem vetores fundamentais do nosso desenvolvimento, da construção da nossa identidade. Este autor parte de um modelo psicodinâmico, que defende que o comportamento é ativado por uma energia psicossocial, ou seja, o comportamento é a fusão dos fatores biológicos e inatos do indivíduo com as suas vivências histórico-culturais.

O psicanalista divide o ciclo da vida em estágios e em cada estágio existe uma crise de fundo biológico, individual e social. Para cada crise há uma solução positiva e uma negativa. As soluções positivas resultam em saúde mental e equilíbrio. As soluções negativas levam ao desajustamento e sentimentos de fracasso.

Se nos diferentes estágios da vida o indivíduo tem que enfrentar uma crise, o jogo nos ensina a alcançar um objetivo, solucionar problemas e harmonizar conflitos. Por isso, nos jogos cooperativos valorizamos também a auto-estima.

Despertando e desenvolvendo os talentos, vocações, dons e tons pessoais, como peças singulares, importantes e fundamentais ao grande jogo de co-existência. Através do jogo cooperativo a sinergia entre auto-estima e relacionamento interpessoal é sintetizada e ganha proporções extraordinariamente educativas e transformadoras. (BROTTO, 2001, pp.13,14).

A relação com a auto-estima interfere no ajuste psicológico do indivíduo. Ele vai regular as condutas de segurança, bom humor e cooperação. Os jogos cooperativos se baseiam em cinco princípios que vão colaborar para a construção dessa *auto-estima*: *inclusão, coletividade, igualdade de direitos e deveres, desenvolvimento humano e processualidade* (Soler 2006 p.p.24,25). Segundo Soler (2006) na inclusão o importante é ampliar a participação de todos para que não hajam excluídos e se eleve ao máximo a integração. Na coletividade a vitória é resultado de um ato conjunto. Na igualdade de direitos e deveres todos são co-responsáveis nas decisões e na gestão do jogo. O desenvolvimento humano é o objetivo final e a processualidade é a reunião de todos os princípios anteriores, por meio dos quais a cooperação privilegia, antes de tudo, o processo de cada um dentro do coletivo para atingir o desenvolvimento humano.

Brotto (2001) nos fala que na realidade o aprendizado ocorre de forma vivencial. Quando o facilitador estimula o grupo à alteração das regras, a criar novos limites para o jogo, está estimulando a criatividade, o diálogo e a aceitação da diversidade de opinião. Como nos jogos cooperativos todos participam de todo o processo do jogo desde a estipulação das regras até o jogo propriamente dito, esta relação enfatiza a autonomia e a auto-estima do indivíduo. Por meio do jogo, o indivíduo habitua-se a tomar decisões e expor seus pontos de vista livremente. O aprendiz não é um repetidor de normas e técnicas, ele é o agente criador das mesmas e o professor de Educação Física é facilitador e estimulador dessa fonte criativa.



Com base em Brotto(2001) pode-se concluir que o jogo cooperativo se apresenta dividido em três etapas:

1. Preparação do jogo estipulação das regras.
2. O jogo propriamente dito e alterações as regras desde que em comum acordo com todos os participantes.
3. Término do jogo propriamente dito e início do CAV

O Círculo de aprendizagem vivencial (CAV) é o instrumento essencial dos jogos cooperativos, funciona como método de verificação de aprendizagem. Será por meio do CAV que o professor poderá aplicar todos os pontos apontados até agora. Durante o jogo uma de suas funções é a observação dos comportamentos coletivos e individuais dos alunos. No CAV cabe ao professor discutir com os alunos o que foi observado será por meio desta conversa que o educador poderá chamá-los à consciência das próprias atitudes. Já que existe uma correlação entre vida e jogo o CAV se torna importante ferramenta no processo de ensino- aprendizagem por que é durante esta prática que o professor terá a oportunidade de transmitir para os alunos valores e conceitos que podem vir a transformar comportamentos normóticos⁴ e trazer a luz uma visão mais ampla de mundo destituída de pré- conceitos, com liberdade de opinião e respeito às individualidades.

Por fim a nossa forma de agir e pensar é controlada pelo modelo biomédico, este não aceita a diferença, a diversidade, as dissimilaridades ou as multiplicidades das coisas diversas. O que não está em conformidade com o padrão precisa ser enquadrado e emoldurado. Caso não seja possível, deve ser extirpado como um câncer

Esse processo de coisificação daquele que difere do padrão, fruto do isolamento do homem, é o que permite atos de barbáries como atear fogo em um morador de rua ou matar a própria filha. Segundo Souza e Gallo (2002), nós também nos incomodamos com os que insistem em viver e ter prazer de uma forma que difere dos padrões sociais aceitáveis. Dentro desse princípio o estranho prazer é agressivo e, ao me sentir agredido, me dou o direito de devolver agressão. É necessário aprender a aceitar o que não é espelho.

O que nos falta é a compreensão ecológica da vida. Se o homem é parte do ecossistema e a biodiversidade é fundamental para a manutenção da vida, então por que temos tanta dificuldade de aceitar a diferença, de aprender com o que é desconhecido? Enquanto não formos capazes de entender que todos nós fazemos parte da mesma *teia*⁵ e que nossas diferenças não nos qualificam como melhores ou piores, tão somente servem para lembrarmos que, apesar de sermos da mesma espécie, temos diferenças entre nós e por isso a percepção que temos da realidade vai variar de acordo com nossas estruturas biológicas (um surdo não percebe o som como um ouvinte) e /ou culturais (o som de tambor não tem o mesmo significado para um brasileiro e um norueguês), não seremos

⁴ Normose – Conjunto de hábitos considerados normais que, na realidade, são patogênicos e nos levam à infelicidade e à doença.

⁵ Referência à Teia da vida do Capra



capazes de conviver com a diversidade. È preciso aprender que a coletividade se dá no respeito às individualidades.

Os processos educacionais e culturais que envolvem a sociedade contemporânea, necessitam urgentemente de mudanças, ou melhor, da busca por mudanças. Encontramos em um momento crítico em que a natureza está em colapso, com catástrofes ocorrendo em diversas partes do mundo. O desenvolvimento desenfreado, a busca pelo lucro máximo, dentro da visão capitalista competitiva de que só o primeiro lugar importa está levando a sociedade e o indivíduo à perda de seus valores mais essenciais, como respeito ao próximo, a natureza e às diferenças existentes entre as pessoas e suas culturas.

Os jogos cooperativos vão além do jogo. São uma filosofia pedagógica, que busca uma melhoria na qualidade de vida de todos, sem exceções. Dentro desta filosofia saímos do paradigma de que a única alternativa na vida é vencer o outro, quando na realidade o bem comum e os objetivos congruentes se mostram possibilidades mais atraentes para a evolução humana. Respeitar, conviver e aceitar as diferenças melhora as relações interpessoais e convívio social reduzindo a agressividade e consequentemente a violência.

Precisamos buscar mudanças encontrar novos caminhos que nos devolva para a trilha da comunicação com a natureza e da coexistência pacífica e respeitosa das diversidades. Este trabalho aponta uma possibilidade e uma busca por novas conseqüências.

O papel do educador é o de transformador da realidade para melhor. Por isso acredita-se que os jogos cooperativos são o caminho para que as crianças de hoje se tornem adultos pré-ocupados com a saúde coletiva, o bem estar social e com a natureza, tornando-se formadores de redes de cooperação em prol da paz e da vida.

Referência Bibliográfica

BROTTO, Fábio Otuzi. **Jogos Cooperativos: o jogo e o esporte como um exercício de convivência.** Santos, SP: Projeto Cooperação, 2001.

CAPRA, Fritjof. **O Ponto de Mutação;** trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2006a.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos seres vivos** trad. Newton Roberval Eichenberg. São Paulo: Cultrix 2006b

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia de ensino de educação física.** São Paulo. Cortez, 1992.

ERIKSON, E. H. **Infância e Sociedade.** 2-ed. Rio: Zahar, 1971.

FONSECA, Vitor da. **Psicomotricidade: filogênese, ontogênese e retrogênese.** 2-ed. Porto Alegre: Artes médicas, 1998.

FREIRE, João Batista. **Educação Física de Corpo Inteiro.** São Paulo. Scipione, 1989.



GONDRA, Jose G. Medicina, higiene e educação escolar. In: LOPES, Eliane. FARIA Luciano. VEIGA, Cynthia. **500 anos de educação no Brasil**. 3-ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, Pensar, Agir**. corporeidade e educação. Campinas, SP: Papirus, 1994. (coleção corpo e motricidade)

LIPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: Ensaio sobre o individualismo contemporâneo. Trad. Therezinha Monteiro Deutsch. Barueri, SP: Manole, 2005

MARTINS, José de Souza. **As Hesitações do Moderno e as Contradições da modernidade no Brasil**. In A sociabilidade do homem simples: cotidiano e história na sociedade anômala. 2ª edição. São Paulo: Contexto, 2008.

PEREIRA, Antônio Carlos Amador. **O adolescente em desenvolvimento**. São Paulo . Harbra, 2005. cap.5, p.p.57-71.

ROBBINS, Lois B. **O desertar na era da Criatividade**; trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Gente, 1995.

SOARES, Carmen Lucia. **Educação Física, Raízes Européias e Brasil**. Campinas: Autores associados, 1994.

SOLER, Reinaldo. **Jogos Cooperativos Para a Educação Infantil**. 2- ed. Rio de Janeiro. Sprint, 2006.

SOUZA, Regina Maria de. GALLO, Silvio. Porque matamos o barbeiro? Reflexões preliminares sobre a paradoxal exclusão do outro. Campinas: **Educação & Sociedade**, Campinas, PP.39-63, 2002, v.2, n-79.

WEIL, P.; LELOUP, J.Y.; CREMA, R. **Normose: a patologia da normalidade**. Campinas-SP: Verus, 2003.